

**SERRAVES**  
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English



**VERA MOTA**

**SEM CORPO / DISEMBODIED**

## **EXPOSIÇÃO** **EXHIBITION**

Produzida pela Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto em estreita colaboração com a artista, a exposição tem curadoria de Filipa Loureiro.

Produced by the Serralves Foundation - Museum of Contemporary Art, Porto in close collaboration with the artist, the exhibition is curated by Filipa Loureiro.

## **AGRADECIMENTOS** **ACKNOWLEDGEMENTS**

A artista gostaria de expressar o seu agradecimento à Galeria Bruno Múrias (Lisboa), Galeria Pedro Oliveira (Porto) e Galeria L21 (Palma, ES). O seu agradecimento estende-se ainda a Paulo Pittela, ao INEGI, nomeadamente a Domingos Moreira e à sua equipa.

The artist would like to thank Galeria Bruno Múrias, Lisbon, Galeria Pedro Oliveira, Porto and L2 Gallery, Mallorca. She would also like to express her thanks to Paulo Pittela, and INEGI, in particular Domingos Moreira and his team.

## **VERA MOTA** **SEM CORPO / DISEMBODIED**

Com um percurso reflexivo e singular, Vera Mota (Porto, 1982) tem vindo a desenvolver o seu trabalho em torno das políticas do corpo, promovendo e equacionando a sua participação enquanto metodologia generativa e eixo para formulações conceptuais. Na sua prática artística, com uma forte componente material, recorre sobretudo à escultura, desenho e performance, usufruindo da amplitude e permeabilidade que estas disciplinas oferecem.

Num processo em que o corpo se afirma como agente quase sempre indispensável, imprimindo os seus gestos e trânsitos, a performance emerge como meio vital de produção, composição ou mesmo encenação. Ao conceder especial atenção à economia da presença, do esforço e da ação, a artista propõe no seu trabalho sucessivos exercícios de reposicionamento do corpo, sujeitando-o por vezes a processos de erosão quase completa das suas características. Prescinde da sua evidência, mas não deixa de o implicar. Assumindo um animismo escultórico e reclamando outras perspetivas de corpo e materialidades, Vera Mota reavalia modos de representação, e propõe estratégias e procedimentos de desqualificação, transferência ou transfiguração – de formas, estatuto ou funções – entre corpos ou as partes que o compõem.

Nos últimos anos, as estratégias de escrutínio e politização do corpo sofreram uma transformação gradual na sua prática artística. O corpo foi assumindo diferentes papéis, reconfigurou-se. Do corpo participante, operário, que investe nas ações programadas das suas

performances, ao desmembramento e síntese das suas partes. O corpo surge cristalizado em representações e traços antropomórficos, mineralizado, metalizado, em esculturas que promovem uma troca entre corpos biológicos e geológicos, orgânicos e inorgânicos. As exposições *Levar a cabeça aos pés* (2018) e *Ventriloquismo* (2021) invocam esses processos de inversão ou transferência, aos quais a artista dá continuidade aqui.

*SEM CORPO / DISEMBODIED*, a primeira exposição da artista em contexto museológico, propõe um diálogo permanente e tenso entre desenho e escultura, apresentando um conjunto de novas obras concebidas especificamente para este momento. O desenho é aqui indício de um exercício claro e contido do corpo. Vemos repetido o mesmo gesto em intervalos regulares com uma assumida cadência e ritmo, numa espécie de ritual ou ensaio coreográfico que podemos adivinhar, e do qual nascem configurações orgânicas, quase corpóreas que se expandem na superfície da folha, da frente ao verso. Numa reminiscência da coluna vertebral ou garganta, revelam-se organismos, formas instáveis, como seres em permanente mutação. Estes desenhos, de grandes dimensões, surgem como partituras que registam um intervalo de tempo e a participação física de um corpo agora ausente. Desvelam a sequência de gestos da artista na sua ação sobre a folha de papel. Cada um destes desenhos é uma recorrência do anterior e enunciam entre si uma semelhança transgressiva, transportam-nos para o que Deleuze descreve como uma repetição da diferença: “Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gilles Deleuze; *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

Os trabalhos que Vera Mota nos apresenta colocam frequentemente o espectador num lugar semelhante ao que a própria artista ocupa quando compõe as suas obras, um lugar de embate e resistência do corpo com os materiais, a sua escala, o seu peso. Um lugar simultaneamente de grande proximidade e afastamento, que lhe permite fazer uma edição rigorosa do que dar a ver. Como que das mãos para a cabeça, a exposição continua, do desenho para um outro meio, a escultura. Recipiente do cérebro e zona onde se alojam a maior parte dos órgãos dos sentidos, a cabeça é o “órgão das trocas”, como se refere Deleuze, o lugar das transferências de tudo o que fazemos, registando e articulando uma interminável tensão entre distintos sinais e respostas.

Desde os primórdios dos tempos, a cabeça tem ocupado um lugar de privilégio nas hierarquias do corpo, protagonizando representações nos mais distintos contextos, de carácter simbólico a científico, do ex-voto ao retrato ou estudo anatómico. Surge tanto em reproduções de tradições pagãs, como no ideário cristão, seja em passagens bíblicas – a cabeça do gigante Golias ou de S. João Baptista –, ou nas referências mitológicas – a cabeça de Medusa. Do modernismo à atualidade, vários artistas desafiaram os limites tradicionais da representação da *cabeça*, transgredindo convenções formais, inventaram rostos ainda não vistos. De Brancusi a Camille Henrot, de Gerhard Richter a Cindy Sherman, assistimos a distintos processos de apagamento e desfiguração. Tal é a operação que podemos observar perante a escultura que Vera Mota nos apresenta. A oposição entre a cabeça e os pés, entre a cabeça e as mãos, é tema recorrente no seu trabalho, convocando uma inversão as

suas posições, corrompendo as suas qualidades ou funções, deformando-os e decompondo-os, num exercício próximo do *informe* de que nos fala Bataille<sup>2</sup>. No lugar de um grande dedo do pé (“Le gros orteil”, *Documents* nº6 novembro 1929) vemos uma grande cabeça, *alta* mas que se *esmaga* pelo seu peso contra o chão.

Esta ***Cabeça sem corpo***, como um monólito que despersionifica a figura, de traços apagados, é uma cabeça tornada corpo inteiro. Fundida em bronze e de dimensões que a afastam de uma escala familiar, este objeto quase monumental, dispensa o plinto e apresenta-se no chão. Nas palavras da artista, “dizer que *não tem corpo* é mais do que a descrição literal do que é este objeto, é precisamente negar à partida parte do que o qualifica como cabeça.” Esta escultura remete-nos simultaneamente para um sentimento de familiaridade e estranheza, podemos reconhecê-la enquanto sabemos que não o é totalmente. Feita de bronze, o seu peso importa tanto como a sua forma.

Enquanto decorria o processo de produção desta escultura, os enigmáticos monólitos Moai da ilha de Páscoa, no Chile, construídos por volta de 1300, foram atingidos por um devastador incêndio. A notícia transportou-nos de imediato, no tempo e no espaço, para estas cabeças proeminentes e de rosto solene. Se para muitos investigadores as Moai são recetáculos religiosos onde repousam os espíritos dos antigos líderes da Civilização Rapa Nui, o que nos pode revelar esta cabeça de Vera Mota, poderá ela tornar-se também um recetáculo? Qual o estatuto que reclama para a figura, num momento, em que transita permanentemente entre novos protocolos e significados, esvaziando-se a cada reprodução?

---

<sup>2</sup> Georges Bataille, “Informe.” *Documents* 7 (December 1929)

*SEM CORPO / DISEMBODIED* sugere-nos o confronto entre um corpo que ali não está, e cuja deambulação se gravou nas impressões que impregnam a fragilidade do papel, e a forma sólida de uma *Cabeça sem corpo*. Ambos confrontam agora o corpo do espectador, convidado a fazer parte deste lugar de transitoriedade entre distintas materialidades e permanências.

## **SOBRE A ARTISTA**

Vera Mota (1982), vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Artes Plásticas - Escultura, pela Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto. Em 2008 conclui, na mesma instituição, o mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas.

Apresentando trabalho desde 2003, das suas mais recentes exposições individuais destacam-se: *From Within the Midst of Things*, L21 Gallery, Palma (ES), 2022; *Ventriloquismo*, Galeria Bruno Múrias, Lisboa, 2021; *Levar a cabeça aos pés*, Galeria Pedro Cera, Lisboa; *Músculo*, Galeria Pedro Oliveira, Porto, 2018; *Mergulho*, Galeria Pedro Cera, Lisboa, 2015.

Das performances realizadas destacam-se *Curva Contínua*, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; *Head*, EVA International Ireland's Biennial, Limerick (IE), 2018; *What Is the Color When Black Is Burned?*, SESC Belenzinho, São Paulo, (BR), 2014.

A sua obra está representada na Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português; na Coleção António Cachola - MACE / Elvas; na Coleção Ilídio Pinho / Porto; no Centro de Arte Oliva - Coleção Norlinda e José Lima / S. João da Madeira; na Coleção PLMJ / Lisboa e na Coleção Maria e Armando Cabral / Lisboa.

## **OBRAS EM EXPOSIÇÃO**

**Vera Mota**

***Sem Título*, 2022**

Óleo sobre papel

Cortesia da artista e das Galerias Bruno Múrias, Lisboa, Pedro Oliveira, Porto e L21, Palma (Espanha)

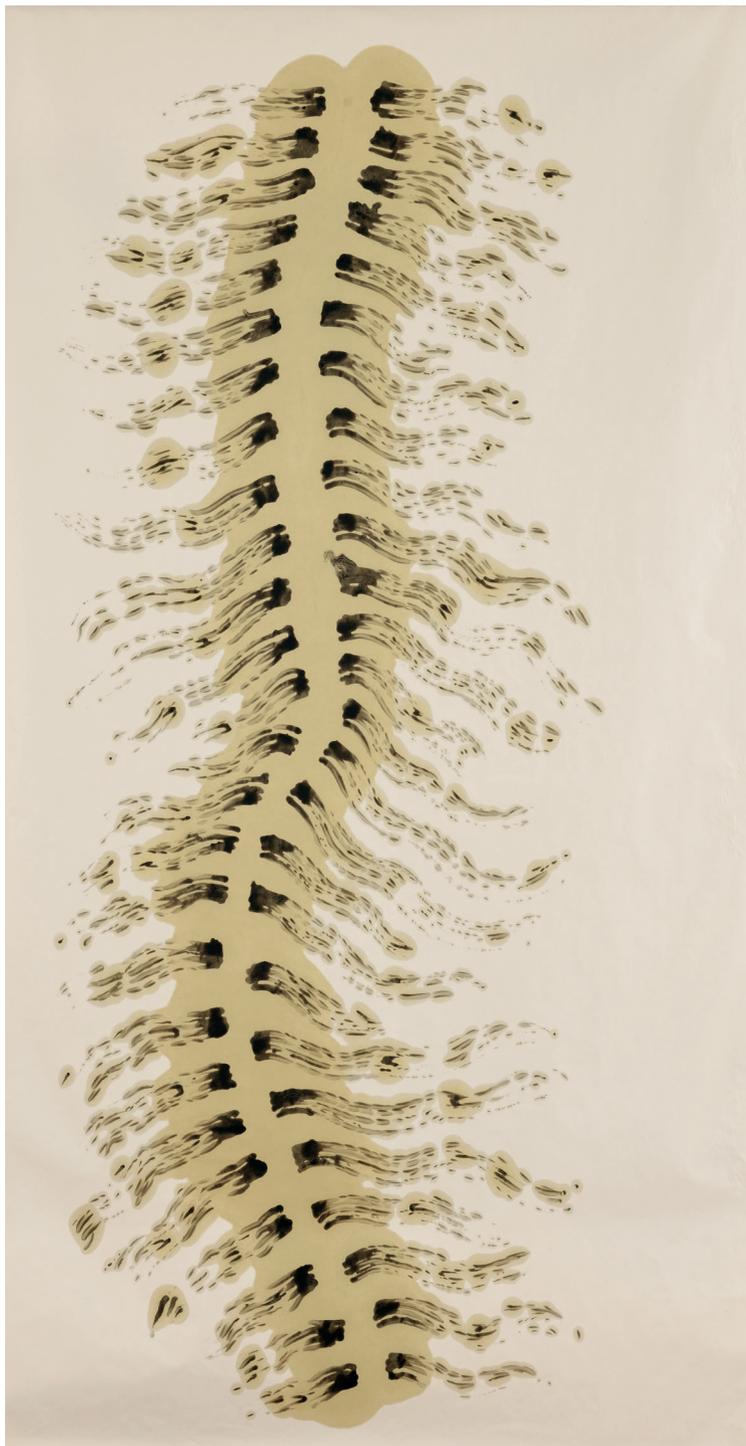
**Vera Mota**

***Cabeça sem corpo*, 2022**

Bronze

Cortesia da artista e da Galeria Bruno Múrias, Lisboa





*Sem Título Untitled*, 2022  
Óleo sobre papel  
Oil on paper  
Fotografia Photo:  
Filipe Braga



## **VERA MOTA** **DISEMBODIED**

With a singular and meditative body of work, Vera Mota (Porto, 1982) has developed her practice around the politics of the body, exploring and reflecting upon it as a constructive methodology and a medium for conceptualisation. Her artistic practice embraces an inherent materiality. Focusing mainly on sculpture, drawing and performance, she takes advantage of the broad permeability these disciplines offer.

The body appears in Mota's work as an almost indispensable agent, imprinting its gestures and circulations. Performance emerges thus, as a vital means of production, composition or staging. Attentive to an economy of presence, effort and action, Vera Mota engages in successive exercises of repositioning the body within her work, at times subjecting it to processes of almost complete erosion, in which its material presence is foregone, but nonetheless implicated. Assuming a certain sculptural animism and asserting other perspectives for the body and materiality, Vera Mota re-evaluates its formal representation, suggesting processes and strategies for its negation, the transference or transfiguration of form, status or purpose, between bodies and their parts.

Over recent years, her desire to scrutinise and politicise the body has undergone a gradual transformation within her artistic practice. The body has progressively assumed different roles and reconfigured itself. It has evolved from the participatory, working body, invested in the programmed actions of her performances, to the disruption and synthesis of its constituent parts. The

body now appears as anthropomorphic sculptures, "mineralised" or "metalised", in sculptures that foster exchanges between biological and geological bodies, organic and inorganic. The exhibitions *Levar a cabeça aos pés* (2018) and *Ventriloquism* (2021) invoke these processes of inversion or transference, which the artist continues to pursue here also.

*DISEMBODIED* - the artist's first exhibition in a museum setting - is an ever-ongoing tense dialogue between drawing and sculpture, in which she presents a number of new works conceived specifically for this occasion. In this context, drawing represents clear, restrained exercise of the body. The same gesture is repeated at regular intervals with an assumed tempo and rhythm a resembling an almost ritualised choreography for us to decode, and from which organic, almost corporeal configurations emerge, expanding over the entire surface of the page, from front to back. Reminiscent of the spine or throat, various organisms and unpredictable forms are revealed, like beings in permanent mutation. These large-scale drawings could be seen as scores that are a record of a specific period of time and the physical participation of a now absent body. The drawings reveal the artist's sequence of gestures on the sheet of paper. Each drawing is a recurrence of the previous drawing and assumes a transgressive quality similar to the other drawings, taking us towards what Deleuze describes as a repetition of difference:

"To repeat is to behave in a certain manner, but in relation to something unique or singular which has no equal or equivalent."<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Gilles Deleuze, *Difference and Repetition*, NY: Columbia University Press, 1994.

The works by Vera Mota often place the spectator in a position similar to her own at the moment when she is producing them - one where the body confronts and resists materials, their scale and weight. This is a position of simultaneous proximity and remoteness, which enables her to rigorously control what to emphasise. Akin to a movement from hands to the head, the exhibition moves on from drawing to another medium, sculpture.

The head is the "organ of exchange", to cite Deleuze. It is the container of the brain housing most of the organs of the senses, the place where everything we do is transferred, thereby registering and articulating an endless tension between various signals and their responses. The head has occupied a place of privilege in the hierarchies of the body since the dawn of time. It appears in a wide array of different representations, from the symbolic to the scientific, from *ex-voto* offerings, to portraits, or anatomical studies. It appears in reproductions of pagan traditions and also in Christian imagery whether in biblical passages - the head of the Goliath, or of St. John the Baptist - or in Greek mythology - the head of Medusa. From modernism to the present day, various artists have challenged the traditional limits of representation of the head, transgressing formal conventions, inventing faces yet to be seen. From Brancusi to Camille Henrot, from Gerhard Richter to Cindy Sherman, we witness different processes of erasure and disfiguration. We observe a similar process when before the sculpture of Vera Mota. The opposition between the head and the feet, between the head and the hands, is a recurring theme throughout the artist's

work, fostering an inversion of their positions, corrupting their qualities, or functions, deforming and decomposing them, in an exercise that is close to the *informe* (formless) described by Bataille<sup>2</sup>. In the place of the big toe ("Le gros orteil", Documents n°6 november 1929) there's a big head, elevated high but crushed by its weight against the ground.

This disembodied head, like a monolith that de-personifies the figure wiped of its features, is a head that has become an entire body. Cast in bronze and on a scale that alienates from the familiar size - this almost monumental object dispenses the need for a plinth and rests directly on the floor. "To say that it has no body is more than just a literal description of what this object is, it is precisely to deny part of what qualifies it as a head", says Vera Mota. This sculpture simultaneously conveys a sense of familiarity and strangeness. We can recognise it as a head, even though we know that it is incomplete. Made of bronze, its weight is considered by the artist as important as its shape.

While Vera Mota was making this sculpture, the enigmatic *Moai* monolithic figures on Easter Island, Chile, built in around 1300, fell victim to a devastating fire. The news of this event immediately whisked us away - in time and space - to these looming heads with their solemn expressions. Given that many researchers consider the *Moai* to be religious vessels, that store the spirits of the ancient leaders of the Rapa Nui civilisation, what can this head by Vera Mota reveal to us? Could it also become a receptacle? What status does the artist for the figure while it

---

<sup>2</sup> Georges Bataille: "Informe." *Documents* 7 (December 1929)

constantly wavers between new protocols and demands, becoming emptier each time it is reproduced?

*DISEMBODIED* suggests the confrontation between a body that is no longer there, and whose wanderings are engraved in the impressions marked upon the of paper in all its fragility, and the solid form of a head without a body. Both now confront the physical form of the viewer, who is invited to be part of this place of transience between different materialities and permanences.

## ABOUT THE ARTIST

Vera Mota (1982) lives and works in Porto. She holds a BA degree in Fine Arts - Sculpture (2000-2005), from the Faculty of Fine Arts, University of Porto. In 2008, she completed, at the same institution, a Master's degree in Contemporary Artistic Practices. She has been showing since 2003, and her recent solo exhibitions include: *From Within the Midst of Things*, L21 Gallery, Palma (ES), 2022; *Ventriloquism*, Galeria Bruno Múrias, Lisbon, 2021; *Levar a cabeça aos pés*, Galeria Pedro Cera, Lisbon; *Músculo*, Galeria Pedro Oliveira, Porto, 2018; *Mergulho*, Galeria Pedro Cera, Lisbon, 2015. Her recent performances include *Curva Contínua*, Serralves Contemporary Art Museum, Porto; *Head*, EVA International Ireland's Biennial, Limerick (IE), 2018; *What Is the Color When Black Is Burned?*, SESC Belenzinho, São Paulo, (BR), 2014.

Her work is represented in the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE); in the António Cachola Collection - MACE / Elvas; in the Ilídio Pinho Collection / Porto;

in the Oliva Art Centre - Norlinda Collection and José Lima / S. João da Madeira; in the PLMJ Collection / Lisbon and in the Maria and Armando Cabral collection / Lisbon.

## WORKS IN THE EXHIBITION

Vera Mota  
*Untitled*, 2022

Oil on paper  
Courtesy of the Artist and the Gallery Bruno Múrias, Lisbon and Gallery Pedro Oliveira, Porto and Gallery L21, Palma (Spain)

Vera Mota  
*Disembodied Head*, 2022

Bronze  
Courtesy of the Artist and the Galeria Bruno Múrias, Lisbon

## VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h - 13h e 14h30 - 17h)  
Minimum two-week advance booking is required.  
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am - 1 pm and 2.30 pm - 5.00 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt  
Tel. (linha direta direct line): 22 615 65 00  
Tel: 22 615 65 46

Marcações online em Online booking at [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

[loja.online@serralves.pt](mailto:loja.online@serralves.pt)  
[www.loja.serralves.pt](http://www.loja.serralves.pt)

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

[restaurante.serralves@ibersol.pt](mailto:restaurante.serralves@ibersol.pt)

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

## INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

[www.serralves.pt/visitar-serralves/](http://www.serralves.pt/visitar-serralves/)

**Fundação de Serralves**  
Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto - Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Geral General line:  
(+ 351) 808 200 543  
(+ 351) 226 156 500

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

 [/fundacao\\_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio institucional  
Institutional support



 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

Mecenas da Exposição  
Sponsor of the Exhibition

**NORS**

Mecenas do Museu  
Sponsor of the Museum

